

LINDA MIRANDA

NOVA VEDETA DO CINEMA
NACIONAL, QUE VAMOS VER
NUM DOS PRINCIPAIS PAPÉIS
DO FILME DE HENRIQUE CAMPOS

(FOTO JOÃO MARTINS)



VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

MANEIRO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO V—N.º 256
18 DE ABRIL DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

PANORAMA

COM a morte de Alfredo Cortés perdeu o Teatro nacional um dramaturgo vigoroso, orgulhosamente português, figura revolucionária do nosso Teatro moderno e Artista de excepcional elevação.

«Zilda», «O Iodo», «A lá fê», «Lourdes», «Tá'Mara», «Ouros», «Saia» e outras peças, são pedras que ficam para o seu monumento de beleza que não serão esquecidas.

No nosso escasso meio, a morte de Alfredo Cortés representa uma perda que não é preciso encarecer. Está de luto o Teatro Português.

NA sessão comemorativa do IV Centenário de Ponta Delgada, o Chefe do Estado entregou as insígnias da Grã-Cruz de Santiago ao sábio micalaense Dr. Joaquim Bensaúde.

Melhor oportunidade não podia, realmente, ter sido escolhida para homenagear o eminente homem de Ciências, do que a data de mais um centenário dum terra que tanto lhe deve, como tanto lhe devemos todos nós, os portugueses.

UM grande avião do tipo «Constellation», fez, há dias, em viagem experimental, o percurso Rio de Janeiro-Lisboa em quinze horas!

O progresso aproxima, em quase todos os casos, os cidadãos, mais do que os corações... Não é este o caso de Portugal e Brasil, em que o carinho dum pensamento consagrado, sempre, ser mais rápido do que o vertigem dum avião...

DA baía de Tóquio os americanos descobriram lingotes de ouro no valor de dois mil milhões de dólares e uma barra de platina avaliada em quinhentos mil dólares.

Supõe-se que foram afundadas muitas mais barras de metais preciosos, e que o seu valor se destina a financiar a contra-ofensiva japonesa, numa data futura!

E, parecendo que não, este achado pode ser um símbolo. Não faltará quem diga que a ressurreição japonesa está, como os seus lingotes de ouro — no fundo do mar!...

O Estado vai despendar dois mil contos só com a primeira fase dos trabalhos de extermínio dos gafanhotos!

É, assim, difícil de prever o custo da campanha total, neste momento em que os gafanhotos parecem empenhados em colaborar na crise que será grande, se todos nos não resolvermos, decididamente, a produzir e poupar.

Está, porém, certo que se gaste tudo para exterminar a terrível praga, até para que nos não sacrificuemos a poupar — para os gafanhotos...

DISCURSANDO em Chicago, o Presidente Truman afirmou: — «Só enquanto formos fortes poderemos garantir a Paz no mundo!»

E deve ser assim. Disposta a fazer de polícia nas desordens do Mundo, a América compreende que só uma polícia bem armada poderá deter os desordeiros e lutar com eles com probabilidades de êxito.

E chegar-se-á assim à conclusão de que cada vez será preciso fabricar-se mais armamento, não para fazer a guerra, que isso deve andar longe do pensamento dos que orientam as nações, mas, pelo menos, para assegurar a Paz...

DIRECTOR:

JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR:

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE «VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA»

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA EMENDA, 69, 2. — LISBOA — TELEFONE 7 5844

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

OFICINAS GRAFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA



TRÊS FOTOS HISTÓRICAS

André Gromyko, delegado russo, com Henry Bonnet, do France. (Serviço Internacional «News Pictures», exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada»)



Uma delegada da Rússia, conversa com os jornalistas



Madame Roosevelt, com dois jornalistas americanos



A delegada da Polónia conversa com outro delegado, num dos intervalos da reunião.

AS MULHERES NA O. N. U.

A presença de mulheres de muitos países em postos excepcionalmente elevados, numa reunião tão importante para o mundo como é a da U.N.O., constitui, sem dúvida, uma grande vitória feminina.

Como figura principal desse grupo de mulheres interessadas na resolução de problemas que tanto interessam a Humanidade, destaca-se a viúva de Roosevelt, digna continuadora da obra de seu marido, o saudoso presidente dos Estados Unidos, que assim está, de certa maneira, presente numa reunião na qual, se fosse vivo, seria, sem dúvida, a voz mais autorizada e a presença mais prestigiosa.



É notável a elegância das duas delegadas argentinas



Madame Jean Mackenzie, representante da Nova Zelândia.



Heinric Ala, embaixador do Irão nos Estados-Unidos, com o dr. A. Daffory, conselheiro do Embaixado, numa reunião do Conselho de Segurança em que a questão do Irão foi debatida.



Um aspecto da mesma reunião, vendo-se «Sir» Alexandre Codrigan, do Inglaterra; Edward R. Stettinius, dos Estados-Unidos; o secretário do Estado, Byrnes; coronel W. R. Hodgson, da Austrália; Sr. Pedro Leão Veloso, do Brasil; e o secretário geral Trygve Lie.



Os bombeiros trabalharam corajosamente e com absoluto desinteresse pela vida. Mas a coragem de nada valeu contra a violência das chomas.

UM INCÊNDIO DRAMÁTICO EM FILADÉLFIA

Um incêndio é sempre dramático, mas este tomou aspectos excepcionais, pois custou a vida a duas crianças.

A família e os bombeiros tudo fizeram para salvar as crianças, mas as labaredas, impiedosas, não o permitiram.

Surpreendidos pelo rapidez das labaredas, os moradores do prédio saem para a rua, e o geyser que se reflecte em todos os rostos tem o mesmo cause: as duas crianças, que não foi possível salvar!



ESTES QUADROS FORAM RECUSADOS NAS BELAS ARTES!

O leitor, decerto, não é estranho o nome de Domingos Saraiva — o D. Saraiva dos magazines illustrados, onde, com graça natural e espontânea, vem desde alguns anos presentando o público com os seus pessoalíssimos desenhos, com os seus graciosos chistes e com as suas flagrantes caricaturas pessoais.

A actividade de D. Saraiva na Imprensa e algumas exposições individuais por si bastam para impor o seu nome como um dos valores de primeiro plano das últimas gerações, dado que Saraiva, além das faculdades natas reconhecidas e consagradas, é isento de influências perniciosas, devendo a sua obra a um auto-didactismo muito de considerar.

Mas o que o grande público talvez ignore — e isso devido ao temperamento do artista, avesso a reclames e títulos publicitários que julga injustos e descabidos — é o facto de que Saraiva é essencialmente pintor, na sua fase de grande potencial, alheio a academismos tafuéis e a fórmulas preconcebidas.

Saraiva é, aliás, paralelamente às suas tendências pictóricas, conhecido aficionado e amador taumomáquico, enfrentando na arena o corpanlento touro com a mesma serenidade com que enfrenta... uma tela em branco.

O meio, a «taficção», o jeito que lhe ficou de manusear corpinhos como manuseia pincéis e tintas, transmitiu-lhe grande autoridade sobre assuntos taumomáquicos, reconhecidos por todos — público e aficionados. É e é justamente quando Saraiva



AJUDADO POR ALTO



BANDARILHAS



DOMINGOS SARAIVA



«CHICUELUTÍA»

Por J. B. L. VINCENT



a porta, atravessou a multidão e encontrou-se perante a noite.
Dirigia-se inconscientemente para o seu pequeno quarto com aquele desalento que todo o ser humano sente na solidão. Lembrou-se, porém, com a rosa voluptuosidade do puro encanto do seu amor de outrora. Revia o filme sempre nos seus olhos as reacções, os jantares dos dois, as fugas de B. Eram momentos de felicidade. Mas domingos. Bernardo era alto e moreno, atencioso como todos os sentimentais da florinda do estio, lavava-a pela mão como se fosse uma menina, porque uma mulher que ama sente-se sempre criança. Os regressos com ilhas no carro, aquelas idas ao teatro nas noites luminosas dos grandes malevardeus, tudo isso tinha ido morrer a Hong-Kong!

— Que pouco é preciso para que as grandes coisas se esqueçam! — pensava Jacqueline.
Só ela amava agora. Tinha de amar por dois. Mas asoldia fazia-lhe medo. Voltava-se inconscientemente para Brouse, que tanto tempo vivera a mesma vida do seu antigo noivo. A verdade é que não amava Brouse, mas sentia-se obrigado a conhecê-la a sentir os perigos da idade e das febres da sua lúbrica permanência na Ásia. Era, porém, o amigo leal, que tinha mostrado perseverança na infelicidade.

Brouse tinha razão. Devíamos ter escrito um ao outro. Numa carta de amor, não se devia esquecer de mencionar Bernardo e eu acreditávamos de mais em nós próprios. Ao amor, para viver não basta a paixão.

Jacqueline quis deitar-se. Apesar do banho que acabava de tomar, não conseguia dormir. Abriu a janela, encostou-se ao parapeito e olhou de moradoramente as estrelas, que também brilhavam.

Passavam as idas. Só a triatiza de Jacqueline não passava. Brouse tinha vindo a bem, mas não se preocupou com o seu abatimento, e tinha conseguido arrancar-lhe a primeira noite de sono em seu «muscle-hall».

Nessa noite, preparava-se sem alegria para esquecer-se, entorpecendo-se sem necessidade os preciosos frascos do seu toucador, quando um violento estalo de campainha veio sobresaltá-la.

Abriu a porta. Um criado «Goeländ» balbuciava, assustado.

— O patrão teve um ataque.

— Um ataque?

— Uma congestão cerebral, com vertigem. A bebida fazia-lhe mal. Tinha acabado de me mandar procurar um médico para vir aqui, mas agora sente-se fatigado. Nesse momento, caiu como um manequim, e agora tem a cara contraída do lado direito e não pode falar.

E horrível, balbuciou Jacqueline. Vou pôr o caso. Leve-me a pressa ao «Goeländ».

Quando Jacqueline se levantou sobre Brouse estendido à cama, ele pareceu não a conhecer. Tinha uns olhos não focados, que quando nos olhava sempre se desviava para os outros olhos menos abertos do que distraídos. Ela não pôde falar, olhou-o com o mesmo medo. Gemia como uma criança, apertando a cabeça entre as mãos.

— Não se preocupe, não se preocupe, uma das criadas do restaurante. — O caso é grave. E preciso fazer descer a temperatura do doente.

Contudo, passados quinze dias, Renato começou a levantar-se, a passear de novo, a comer o outro e se esperasse algum. Mas ela parecia alheio a si próprio, misturava frases inconexas e não conseguia falar em sílabas para dar palavras desconhecidas.

Jacqueline estava resolvida a instalar-se no «Goeländ», que já ninguém dirigia. Desolada, não esperava o improvisto da sua situação. Distraía-se a vigiar os empregados, a cuidar do tratamento do doente e demorava-se até tarde a observar, de olhos cansados, a clientela sempre nova que chegava ao gabinete de felicidade de Bernardo, renunciara aos vestidos caros.

Surtinha vivia, menos do que de um homem, da felicidade que ele tinha enganado. E, muito simplesmente, não se dava ao trabalho de se infundir na austeridade do seu novo aspecto, trazia um vestido de luto. Os clientes estavam muito pouco dispostos com a visão desta linda rapariga triste, vestida de preto. Jacqueline estava inquieta. Lutava

novos sacrificavam a intimidade ao conforto. Indicou-lhe uma grande poltrona e sentou-se pesadamente, um pouco sufocado, no braço mole do móvel. Apesar da porta almodada, ouvia-se o vago rumor do «bars».

— Eduardo está ainda em Hong-Kong?

— Está! — disse Brouse gravemente. — Contou-me a sua história.

— Há cinco anos que ele foi ter consigo a Hong-Kong! — suspirou Jacqueline como num sonho. Lamos casar, como sabe, porque sempre foi como um pai para nós. Mas os pais de Bernardo opuseram-se teimosamente ao nosso casamento. Helde lembrá-me por toda a vida do que ele me disse em Marselha: «Porto para voltar, meu amor, para voltar rico para ti, porque tu és tudo. Mas nota: nunca te esqueceré de lá como se tu, na verdade, me acompañasses. Será esta a prova do nosso amor. Se ele trairde, do abandono e da miséria, será o maior amor do mundo». Há cinco anos que não escreve. Mas o senhor, que o viu há pouco, sabe coisas a respeito dele.

— Bem, senhor, seja. Vou contar-lhe tudo, muito simplesmente — disse Brouse, esforçando-se para esquecer os seus primeiros meses, pensava em si com uma exaltação que não fazia ressur pela sua dor. Era uma criança de coração doente e que nada podia distrair. Elerreia-se de duas grandmothers todos os dias, mas tinha encarregado o criado de destruir toda a correspondência de Bernardo.

Jacqueline, fosse qual fosse a sua reacção, E olhe que isso sempre foi agradável para ela. Depois, não foi absorvido pelo trabalho na casa John Favel & C., pelos «whiskys» da capitão Lamy, Goldwin, pelas «gêtas» de exportação. Foi uma grande paixão lentamente atacada, insidiosamente, atacada por hábitos novos.



Jacqueline tinha-se levantado. A palidez tornava-a mais alta ainda.

— Isso não é possível, Renato. Brouse ergueu para ela os olhos tristes:

— Minha filha, vivi cinco anos com ele, na melhor amizade. Estávamos sempre juntos. Até tive tempo de lhe ensinar chinês. Assisti à sua luta, aos seus remorsos. Não lhe queira mal. Que quer? Ninguém se diverte a lançar estes desenhos sentimentais, a renunciar à presença silenciosa de uma carta. Uma saudade tem sempre fome.

Jacqueline teve um soluço. Renato, condôco, serviu-lhe um copo de leite.

— Talvez a força de pensar no futuro se acabe por esquecer o passado. Não posso dizer-lhe tudo. No fim de seis meses, detou-se ao trabalho, sem medo. Quando embarquei para França não pude ir com ele. Não me casamote. E eu disse-lhe: «Que helde dizer a Jacqueline?». Pareceu-me surpreendente que ele tivesse em uma pancada à tração. Estava comovido. Por fim, disse-me: «Arranja lá alguém que não é do teu país. Como sabe, a nós, os homens, acontece-nos isto de não valermos grande coisa».

Jacqueline ficou com os olhos cheios de lágrimas.

— Tenho muita pena — continuou Brouse. — A minha missão talvez, mas devo cumprí-la. Não perca a amizade. Seja meu amigo, amigo seu. Venha visitar-me quando sentir só.

stáxi deixou-a bruscamente no escuro da noite. Jacqueline olhou em volta. A miséria do sítio confrangea. Nunca passara a fronteira dos subúrbios sem perder naquelas ruas onde havia fadigas mornas, onde as jotas de água luziam ao luar como arcos-iris de petróleo. Aventurou-se, subitamente, frentes ao longo das sacas baixas que tapumes separavam dos terrenos vagos. Atrás das cortinas de seraphilheira, mulheres desgrenhadas viam passar, com espanto hostil, aquela rapariga loira, metida num grande casaco de reflexos brilhantes.

Nos cruzamentos procurava ler os nomes daquelas ruas estranhas, inscritos em placas brancas. Beco da Alegria, Rua Romanet. E metia-se por esse detalde de ruas mortas, que, de longe em longe, a luz dos «cafés» animava frouxamente. Decidiu interrogar um velhote que estava deitado à porta de uma barraca de zinco.

— Onde é a rua do Cano de Ouro?

— E está! — murmurou o homem.

— Conhece o «Goeländ»?

— Um «bars» novo? Conheço. Fica no fim da rua.

— Caminhou, se passada, para a luz confusa. Tinha havido cena em qualquer dos seus andares. Ouviam-se gritos de mulheres.

Tinha chegado ao «Goeländ», donde homens claros acabavam de sair para logo se transformarem em sombras. Encolheu-se a um canto com o mínimo cintilante de areia crispada sobre o pelo.

Então, bruscamente, abriu a porta.

— Jacqueline.

Renato Brouse, o novo dono do «Goeländ», afastando rudemente os clientes, corria para ela. Jacqueline estava deslumbrada pela luz, era empurrada por esses desconhecidos em que se misturava toda a dor e todo o segredo das raças.

— Renato, recebi esta manhã a tua carta.

Brouse sentia-se desorientado ao reconhecer Jacqueline no desabrôco da sua miséria. Há dez anos que não a via, dez anos durante os quais se arrastara por Hong-Kong, sempre perseguido pelo resto do mundo em cujos olhos azuis um sonho flutuava.

Quando ele partiu, era ela ainda uma criança. As suas aventuras longínquas tinham-no envelhecido. Era um homem forte, muito loiro, que suportava pesadamente os seus cinco filhos, com um amor incondicional ao coração. Lá longe, na China, guardava secretamente a sua recordação.

— Voltou há muito tempo para França? — perguntou ela.

— Há dois meses. Comprei este «bars». Estou cansado da grande viagem.

Ela esperava que ele falasse. Quando ela tinha quinze anos, Brouse era o amigo da família, que lhe fazia festa e lhe dava um sinal ao criado e detou o guarda-novo enrolado para trás do balcão.

Tinha comido, Jacqueline, muito mouro, estaremos mais descansados para fazermos as nossas confidências a Bernardo.

Conduziu-a para uma sala deslumbrante, forrada de tapetes brancos de diversas cores, onde móveis

com todas as forças para afastar a recordação de Bernardo, redobrava de lápis: linhas a escrever, mas no fundo do seu coração, havia uma saudade viva. Se Brouse emgreira menos há muito tempo, em compensação, numa agitação que exasperava.

— Reconhecia, é certo, pouco a pouco, todos os familiares da casa. Pronunciava até o nome de Jacqueline. Mas estava desadaptado, escolhia um termo por outro e construía, com irritação, frases disparatadas que arrastavam e gargalhava aos troques. Parecia ter reconstruído a consciência e perdido todos os meios de a exprimir.

— Sentiu um combate dentro dele, disse o médico. Dele papel e lápis: linhas a escrever, mas no fundo do seu coração, havia uma saudade viva.

Brouse perdia-se nas fronteiras do seu tormento. Debatia-se numa luta incessante do seu pensamento sempre activo. Fechava os punhos, deixava explodir a cólera em pragabizaras. Em volta dele, nessa sala de espera onde desditados extravagantes, viajantes sem destino, esperavam o comboio sempre atrasado da felicidade, era uma distração esse intermédio de desequilíbrio.

Brouse lá de um eslavão para um levantino, prisioneiro da sua obsessão e indecisa, hesitante na sua confusão em que luzia o brilho dos líceos. Então, Jacqueline fazia um sinal ao criado do «Goeländ», que o reconduzia ao quarto.

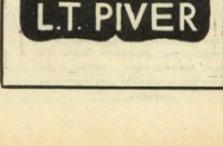
Não podia então deixar de lembrar-se da felicidade que viera a ver, que destruíra como veleno a sua felicidade.

(Continua na página 14)



PETROLEO PIVER

PETROLEO PIVER — quem o usar em vez de qualquer substância, que ele com vantagem substitui pelo seu delicado aroma, está isento de qualquer afeição e terá sempre uma bela e radiosa cabeleira.





HARRIET HILLIARD
Vedeta do Cinema

TODAS AS SENHORAS DESEJAM OSTENTAR UMA BELA CABELEIRA

O que se explica, pois o que mais chama a atenção na mulher e a torna mais atraente e bela, é o trato do seu cabelo.

Não deixe pois de desejar ter belos cabelos!

Se os seus cabelos estão baixos, espigados e quebradiços, se não crescem, é porque o seu SANGUE já não contém os elementos necessários à formação do folículo cabeludo.

É PRECISO DAR-LHE
CRINISIL

Comece desde já o tratamento CRINISIL (tratamento interno), pois se o seu cabelo não está em bom estado, nenhum CABELEIREIRO CONSEGUIRÁ PENTEÁ-LA CONVENIENTEMENTE.

Tubo de 50 comprimidos CRINISIL
Esc. 25\$00

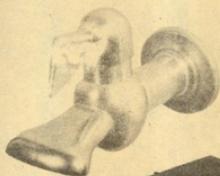
Em qualquer farmácia

Depositários:

ESTABELECIMENTOS CANOBBIO

Lisboa - Porto - Coimbra - Funchal

Crinisil



EVITE
as incomodas e aborrecimentos
utilizando em sua casa
as Torneiras
TAGO

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

L. MAITRE & FILS S.A.



PRONTO
WATCH CO
LE NOIRMONT (SUISSE)
CABLES: PRONTO TEL. 4.91.05

TRÊS ASPECTOS DA FRONTEIRA FRANCO-ESPANHOLA

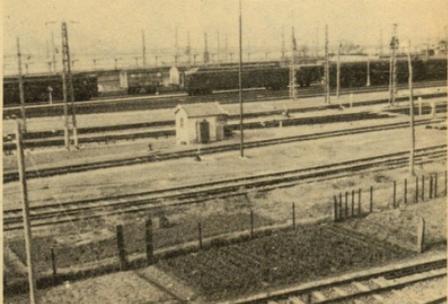
(Serviço Internacional «News Photos», exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada»)



Do lado francês, os gendarmes vigiam



A fronteira continua fechada. Aqui vemos o posto de Altândego, do lado francês.



Todo o tráfico parou, o que dá, à linha férrea, um aspecto desolador



Askis

LONDRES — PARIS — LISBOA

PRODUTOS DE BELEZA



O «Diário de Lisboa» festejou o seu 25.º aniversário com um banquete no Estoril, a que presidiu o seu ilustre director, Dr. Joaquim Manso, no qual se reuniram todos quantos trabalham naquele jornal



O Chefe do Estado na inauguração do «Salão de Primavera» na Sociedade Nacional de Belas Artes



A chegada da ilustre declamadora brasileira D. Margarida Lopes de Almeida



Aguardando mais uma distribuição do Socorro Social, em Alcântara



O novo Comissário da Mocidade Portuguesa, prof. Dr. Pinto Coelho, assistindo ao festival comemorativo do 10.º aniversário daquela instituição

ABSURDOS DO NOSSO TEMPO

MANUEL MARTINHO

Ust dia destes, num jornal da manhã, vinha anunciado, em três linhas, o preço dum cavalelho qualquer, ao se-
nhar carta ao Rossio, número tal, que
pretendia trocar um belo cão por um apare-
lho de telefonia.

A fideia é original — e, só por isso, merece ser meditada. Não sabemos que relação pode haver entre um animal, que ladra, e qualquer canteiro musical que toca. Se o homem em questão está farto do animal, faça uma rifa, apresente um amigo, ofereça-o, enfim, à liberdade das ruas. Agora querer, gananciosamente, fazer comércio, parecemos egoísta e até socialmente deslegante. Por outro lado, oficialmente, um cão não tem cifra na Bolsa, como a libra e o dólar — e, por consequência, o mercado não está apto a dizer os preços da rifa, carina como pode afiançar, na estacão, os câmbios e o milho colonial. Humanamente, por outro lado, um cão deve valer mais do que uma telefonia. A não ser, claro, que se trate destes animais preguiçosos, pequeninos, feijudos, deliciosamente interessantes mas que não têm outro valimento senão o de comer as fatias de pão de ó enroscados no sofá.

Se o homem troca o cão pelo aparelho — é porque vê nisso alguma vantagem. Se o animal come — a telefonia gasta. Felas as con-
tas, anda ela por ela. Um bebe leite e rol os ossos — outro consome kilowatts e funde lâmpadas. Se o cão paga licença à Câmara e tem que ser vacinado pelo veterinário — a telefonia é contribuinte eterna da Emissora e requer, volta e meia, a vistoria do electricista.

Se o cão ladra, incomodando — o aparelho toca, não deixando dormir a vizinhança. Não compreendemos, pois, qual a vantagem do anunciante. Pode ser que o cão esteja velho, doente, com sarra. Mas também daqui a pouco, quando vier a televisão, a telefonia irá dormir na montanha dos gramofones, o chique dos nossos avós.

Se ele, na verdade, dissesse que trocava o animal por duzentas grammas de manteiga e uma garrafinha de azeite, vá! Agora por um aparelho. Não pode haver relação possível. À época que vivemos tem destes disparates. Toda a gente deseja, evidentemente, fazer negócio. Já uma vez um cavalelho oferecia um plano de cauda a quem lhe arranjasse uma casa, com carro à porta e renda em conta. E se os leitores atentarem bem nas páginas de anúncios encontrarão, decerto, outros oferecimentos semelhantes: desde os que gratificam bem os que cedem duas salas, num escriptorio da Baixa, por cem contos de empréstimo.

Chegámos a um ponto em que nada se faz desinteressadamente. Os moços de esquina, que vivem de recados, andam a tratar das suas tabelas mínimas. Qualquer ramo de flores, que o «taxímetro» das pernas marque mil passos, custará logo cinquenta escudos — e, para mandar uma carta, por esses leais servidores, a um terceiro andar a pino, a tabela marcará uma exorbitância. Tudo caminha numa rápida progressão astronómica. Estamos assistindo, pois, à passagem do pobre e misero centavo à burguês e autoritário escudo. Um tostão ninguém vai dar a um pobre. Também a indignação — e a caridade particular — precisa de oficializar a tabela da casa. De que um mínimo — eis o que se exige, mas um mínimo que não envergonhe quem sobe os degraus para o céu — e remedeio o pobre que se ajuda a subir.

Mas, voltando ao caso: o homem pode ter

(Continua na pág. 16)



1) A Comissão Central, o que preside o Dr. Miguel Barato, de Medicina, secretariado pelo Dr. António Homem Pinho, da Faculdade de Direito. 2) A Comissão de Beneficência, composta por quarentistas das várias Faculdades. 3) O sr. prof. Michel Mosinger, no Selo dos Troféus, onde admirou os tapetes e outros prémios conquistados pela Associação Académica de Coimbra.

A QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA

OM um grande programa de festas, no qual não falta o tradicional cortejo, o Baile da Saudade, uma serenata no Mondego, em que cantará o Dr. Paradelo de Oliveira e outros antigos académicos, um sarau no Teatro Avenida, tarde de Arte, garraizada na Figueira do Fax, etc., realizam, este ano, os estudantes de Coimbra as suas Festas Académicas. Lindas iluminações decorarão o Parque da cidade e ranchos regionais e bandas de música abrilhantarão as festas, que, este ano, se revestirão de grande brilhantismo.

O sr. Ministro da Educação Nacional e Secretário Nacional de Informação e Cultura Popular deram já o seu apoio à realização das tradicionais festas académicas em Coimbra.

Constituiu uma grande manifestação de pesar o funeral do agente da Secção de Justiça da P.S.P., Adelino Rodrigues, morto no cumprimento do seu dever.

O FUNERAL DO AGENTE ADELINO RODRIGUES

O chefe do Estado agraciado o malogrado agente, a título póstumo, com a Ordem da Torre e Espada.



O que que faz as meninas

(Continuação da página 8)

A Ásia, para ela, era apenas um aglomerado de pagodes onde, entre a impossibilidade torturada dos dolores, sorriam enigmáticos rostos de faces azuis.

Jacqueline continuava fiel ao seu sofrimento como tinha sido à sua alegria, porque a sua dor era conveniente infidelidade do seu amor. Olhava por Brousse com ternura muito alinda desde o dia em que um humilde rapazito chinês veio mostrar ao «Goiland» a sua miserável panelinha. E quando o doente levantava a mão para ele com cólera.

Outra noite, Brousse pareceu animar-se e regressar do seu exílio do pensamento. Nos olhos brilhava-lhe um clarão de alegria delirante. De repente, pôde-se a falar com vontade. Todos os clientes se tinham calado sbitamente, seguindo com assombro esta evasão fogosa de silbas que nenhum parecia compreender.

— Brousse já não falava francês. Foi nesse momento que o rapazito chinês, com cintos e gravatas misturadas no pequeno braço, empurrava um ruído a porta do «Goiland». Ninguém reparava nele; desfilou-se-meia em mesa com o seu sorriso de convérsia. Abria a pequena mala esfolada onde se jásta todo o seu sortido de convérsia. Abia em alto, abria os leques, exhibia mil buginganas amade em Japans. O seu acento chinês se tornou um resgnado. Ia continuar no seu humilde comércio quando, sbitamente, os seus olhos apertados tentaram escancarar-se.

— Mas aquele senhor está a falar chinês! — exclamou o rapaz. Jacqueline voltou vivamente a cabeça para o pequeno vendedor ambulante.

— Tens a certeza? Vamos, vamos, depressa. Comprate tudo o que atirares e me trazes o que ele diz.

O garoto, sem dizer palavra, escutava o homem de Hong-Kong, e a sua cara estreita denunciava a gama completa das estupefações.

Voltou para Jacqueline o rosto espantado: — Posso dizer? — perguntou. — Não senhor! Vamos despaicha-te! — Está a falar de Hong-Kong, começou o chinês, da ilha onde eu julgo ter nascido. Diz que bebeu muito «whisky» e que tem muito calor. Diz também que não queria ser inglês porque não gosta de chá, e que bebe o de Lady Goldwin para ter o prazer de ir a casa dela, «nas lanternas que Bernardo não queria ir com ele às casas de papel de lanternas azuis.

Estes quadros foram recuados nas Belas Artes

(Continuação da página 3)

trata, nas suas telas ou cartões, de touros e toureiros, que a sua sensibilidade mais se aguçava, produzindo cenas de intensa dramaticidade, de bem marcado movimento e plenas de graça e de cor, como é apanságio da festa brava.

Pois bem! D. Saraiva, que é dos novos e sem favor, o nosso primeiro intérprete da «arte», viu recuadas as suas obras no «Salão» das Belas-Artes, agora aberto ao público! Não é pecado, certamente, não ser amante da festa. Não genuinamente penitenciar, mas já é para lamentar tratándose de espíritos talhados para a compreensão dos espectáculos de beleza e emoção. Aliaido ao facto o superior interesse como Saraiva trata as suas telas, à base de um desenho correcto e de mancha sdrria, e se o artista não alia de um lastimável

— Tens a certeza de que ele fala de Bernardo? — perguntou Jacqueline de coração sobrelançado.

Brousse calou-se. Calou-se o suor pelo cara abaixo. Ouve um silbando na sala. Todos os clientes esperavam. Pôs-se de novo a divagar. O rapazito tinha-se aproximado do doente, sempre com a fiada de gravatas no braço.

— E agora? — perguntou Jacqueline.

— Diz que mentiu para roubar o amor de Jacqueline, mas que Bernardo nunca a esqueceu e a espera. No seu vestido preto, Jacqueline estava tão rígida e tão pallida que parecia uma morta. Sentiu, porém, a vida correr-lhe nas veias como torrente quando as nevas se desfazem. A vida triunfal entrava-lhe no coração com tal impeto que se sentia desfalecer. Como podia ser divagado da terrura de Bernardo, das suas palavras à porta, que eram como que uma âncora defluida ao futuro?

— Ao pé dela, Brousse voltava à sua patilha, esgotado por aquele delírio verbal. Jacqueline notou a transformação daquele rosto que se desfigurava e do qual lentamente, a morte se ia apoderando. O seu desprezo não vencia a pena que tudo aquilo lhe causava. Esperava, na sua esperança miraculosamente surgida da amargura.

— Vou partir em viagem por algum tempo. Torna conflianga em si. Tome conta do doente enquanto eu não regresso.

— Pode contar comigo, mas duvido de que encontre o patrão quando voltar. Há dias que ele anda fora de si. Espera voltar de presa!

Jacqueline encobriu os ombros. Olhou novamente aquele que «anto mentira. Apesar de tudo, sentia uma espécie de gratidão por ele, por essa confissão que era como que um apelo de uma língua distante. Abençoava a sorte que levava Brousse a aprender a língua misteriosa nas nuellas dos balros amarelos. Por que mecanismo, quando se esforçava por reconquistar a sua língua, teria ele conseguido exprimir-se de maneira tão fantástica? Não conseguia explicar aquele mistério da loucura. Pensava em Bernardo.

Voltou para casa. Dançava-lhe a alegria no coração. Tirou o vestido de luto, escobeteu no guarda-vestidos um outro claro, em que se bralhavam todos os sorrisos da Primavera.

Oito dias depois, embarcava em Marselha para Hong-Kong. Sobresaltada pelo rumor das ancas, recordação do noçação à bela recordação que se aproximava, viu iluminar-se o princípio do mar...

Em descomento dos meus pecados

(Continuação da página 22)

Nos países do Norte vendem-se caro, relativamente, as orquídeas, do Equador e dos tópicos, e os mesmos raios por que se pagam as lanranças por um preço elevado, e atingem alto preço também as bananas e os ananazes.

O difícil e dispendioso nas orquídeas não é obtê-las, mas conservá-las num meio e num clima que lhes não é próprio.

Resumindo, dr. Alfredo Fimenta: Orquídeas — numerosos familia de umas ervinhas a que a natureza concedeu por azar aquilo que lhe falta.

— Apesar do jôri, este será abençoado os seus créditos se está convalecido de ter praticado um acto de justiça.

A. T.

¡Nervosos! ¡Esgotados!

Excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo.



O lado, sempre modesto, torna-se insupportável quando os nervos estão abalados.



Os desgostos familiares são muitas vezes resultados do debilitamento dos nervos.



Quando os nervos estão abalados a mente quickly resolve-se com violência.



Os nervos cansados são responsáveis da sua ladiga e depressão, da sua falta de memoria, da sua excessiva indolência.



A solidão, o cansaço ou o ablatamento podem vencer a dimensão orientadora e sistema nervoso.



O homem da energia nervosa não se pode desenvolver a sua actividade sem satisficção.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Paga sempre o legitimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

MEIAS AMERICANAS (NYLON-DUPONT)

51 Gauge

A autentica meia de vidro. Recebemos directamente em todos os tamanhos.

MEIA DE VIDRO Rua Augusta, 158

CABELOS COMO FIOS DE CRISTAL

Depois da permanente ou tintura, os cabelos ficam ásperos, ressequidos e baços. LAVOLAN-HULE tornou-os em cinco minutos apenas, sedosos, maleáveis e brilhantes — sem o aspecto repugnante de engorçados ou húmidos. Faça hoje mesmo uma experiência.

LAVOLAN-HULE hulle biologique

Frascos para 108, 158 e 25800.

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Infielozos, 28-Porto. Distribuidores no continente: António Ferreira Pinto, Ltd. — Rua dos Corcintos, 123-1. — Lisboa.



UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa.

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), erupções, feridas, urticarias, ardeções na pele, etc. ATÉ HOJE NUNCA HÁO SPANECUO GOISA MELHON

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11500

CALÇADA DA GLÓRIA

LIRISMO PORTUGUÊS

Um meu amigo e ilustre poeta João Cabral do Nascimento enviou-me, há dias, um volume em que seleccionou, prefaciou e anotou algumas dezenas de líricas portuguesas, escritas no período que decorre de 1832 à actualidade. João Cabral do Nascimento fez um trabalho merecido. Fugindo a ser o crítico voraz que se lança sobre um cantor de rosas para colher as mais belas, surge-nos como um jardineiro delicado e solícito que nos acompanha, através das áreas douradas do «nosso Jardim de Acadêmicos» para nos mostrar algumas espécies formosíssimas.

Quem ler o volume, verdadeira assembléa de Menalo em que um notável grupo de poetas desafiava os seus ansiosos, não deixa de encontrar, aqui e além, reflexos de satanismo, de parnasianismo, de nefelibatismo, de decadentismo, de futurismo, escolas literárias que desempenharam o seu papel e que (pelo menos algumas delas) fizeram época; mas, qualquer que seja a influência de elementos estranhos às nossas puras tradições poéticas, o que, fundamentalmente,

encontrará naquelas páginas, é a sensibilidade, a ternura, o saudosismo, o sentimentalismo, que caracterizam o fundo lírico português. No prefácio do *Cancioneiro Alegre*, Camilo escreveu que a «poesia sentimental» acabara. O autor do *Amor de Perdição*, ao fazer tal afirmativa, colocara-se num mundo positivamente à parte. Entre nós, em matéria poética, foi sempre o coração que deu cartas. Que deu, e continuará a dar, enquanto houver Portugal. A poesia sentimental, e a nossa flor predilecta. Eivra é ainda, e sempre será, a nossa Musa lânguida e inspiradora. O português nasceu lírico — como o espanhol nasceu lanfarrão. Se querem ver um espanhol feliz, dêem-lhe uma espada; se querem ver feliz um português — dêem-lhe uma guitarra. O nosso lirismo inato que passou para a literatura portuguesa no dia em que se escreveu a palavra «saudades», só da nossa literatura desaparecerá no dia em que essa palavra for para sempre riscada do mais eterno de todos os vocabulários, que é o do coração.



FRANCISCO FRANCO

À 61 anos nasceu no Funchal um petiz que, mesmo em fraldas, logo deu mostras de que havia de ser algum. Chamaram-lhe Francisco e, porque era sincero e espontâneo nas suas exteriorizações, acrescentaram-lhe... Franco. E assim ficou Francisco Franco. Ora Francisco Franco surgia com uma tendência inveniável para a escultura. Desde o barro à massa dos biscoitos, tudo lhe servia de matéria para modelar. As suas mãos infantis eram fábricas de bonecas. Desse por onde desse, o nosso Chico tinha de ser escultor — e fê-lo. Aos quinze anos vem para Lisboa, não de vapor, mas — caso extraordinário — saltitando sobre os ondas, sacudiu alguns ligeiros borrifos e entrou imediatamente para a Academia de Belas-Artes. Não tardou que o menino realizasse prodígios. Eis senão quando, uma manhã, se mete no comboio e ei-lo a caminho das catedrais e dos museus espalhados por essa Europa. Quando regressa, vem um mestre autêntico. Em matéria de escultura não ignora nada — e esculpe tudo, desde o chapéu do sr. Infante D. Henrique ao cavalo do sr. D. João IV. A sua obra é hoje vastíssima e, porque lhe não falta pedra, nem talento, não será fácil prever as proporções que atingirá. Da Imortalidade já ninguém o arranca. Este Franco... não recia a inflação. Enquanto o Franco-moço, está singularmente baixo, o Franco-escultor está, estrondosamente, alto. A sua melhor estátua é, entretanto, a dele próprio. Não será feita em pedra, mas é feita em carne sem osso — e que, numa época em que o osso predomina, constitui uma apontável excepção.

O TUNEL

Em meados de Junho próximo reunir-se-á em Londres a assembleia geral da *Channel Tunnel Company Limited* — empresa que, há 65 anos, iniciou no seu programa a construção do tunnel sob a Mancha, ligando a Inglaterra à França. A assembleia geral está reduzida a doze membros. Aquilo, em boa verdade, já não é a assembleia geral duma Companhia: é um *club* de dois cogos D. Quichotes... de la Mancha!

CALÇÃO E MEIA

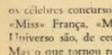
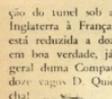
Faleceu recentemente em Paris o escritor e jornalista Maurice Waleffe. Tendo dirigido o *Paris-Midi*, organista, como director deste jornal, os célebres concursos de beleza feminina. «Miss França», «Miss Europa», «Miss Universo» são, de certo modo, suas filhas. Mas o que tornou realmente falado Mau-

rice de Waleffe foi a sua tentativa de revivência do calção e meia como *toilette* dos homens verdadeiramente elegantes. A ideia fracassou, mas Mr. Waleffe entrou na popularidade — pela mão dos cançonetistas...

CENTRALIZAÇÃO



lhorar os indivíduos para melhorar o Estado, que, às avessas, reformar o Estado para melhorar os indivíduos. A tendência para a centralização foi sempre um dos grandes erros da administração portuguesa. A que fica reservada a iniciativa local? Já Moreira de Almeida costumava contar o caso de certa Câmara, no norte, onde se deixara de escrever, porque o Presidente nunca conseguia apurar que marca de aparo se usava no Ministro do Reino... e não queria usar de outros!



RELAMPAGO
DISTRIBUIDOR
para:
Banheira
Lavatório
Bidet
Lava-Louça
Lava-Roupa

Um RELAMPAGO é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVI-
DENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR

RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

A VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-55—A. da República, 59—R. Pez Moniz, 1-10—R. da Graça, 93-94

RAMALHO ORTIGÃO

(Continuação da página 49)

viúhoso maço de papel, com o que assoutou, logo de entrada, alguns expectadores. Escotou-se à pequenina mesa, tossiu, levou o seu lenço de rendas aos lábios e começou a sua conferência, intitulada «La chanson populaire française».

Leu folhas e mais folhas, umas atrás das outras, sem pontuação, sem pausas, sem interesse, num tom horrivelmente monótono. Chegimos a convencer que aquela lenga-lenga não tinha fim! De vez em quando parecia que ia acabar. Tínhamos, então, uma esperança, mas nada, não havia meio, e Madame continuava a leitura, imperturbável.

Mais de metade da platéia dormia a bom dormir! Estou convencido que até houve gente que chegou a desejar um grito de incêndio!

Quando ela se levantou, dando a conferência por terminada, estávamos extenuados!

Fez, então, uma reverência à platéia, agradecendo umas tímidas palmas. Nessa ocasião entrou no palco um criado de libré, com uma formosa escorbelle de flores, oferecida pelo empresário.

Ela, desvanecida, com um sorriso encantador, afitou com os dedos um agradecimento especial ao Visconde, que se encontrava no seu camarote.

Meu pai, voltando-se para Ramalho Ortigão, que estava perto de nós, sorrindo-se, indagou, com curiosidade:

«Então, Ramalho, a sua opinião?»
O grande escritor, que naquele momento vestia o sobretudo, sorrindo também, atalhou logo:

«Tenho pena, meu caro Eça Leal, de não ter mudado a formaçaõ...» Catiule Mendes, uma grande escorbelle, mas de... pontos e virgulas...

Absurdos do nosso tempo

(Continuação da página 11)

qualquer razão íntima para se desfazer do animal. Quem sabe mesmo se o cão não seria daqueles possantes lobos de Alsácia, que, por qualquer coisa, ficam a dentuça nas canelas dos donos. Fronto—nesses casos tem razão. Um aparelho de telefonia não poderá fazer essa habilidade. Pode, é certo, fazer outras menos inofensivas.

E ninguém ainda se lembrou de comparar a dentada de um cão a um programa completo de «swing», a um concerto de carilhões e duas palestras agronómicas.

Porque toda a gente tem bom senso—e sabe, por consequência, que não é a mesma coisa. Trocar um cão por um aparelho, só na nossa terra.

ARANY
DIPLO. COSMETOLOGO
HUNGARO

VOLVOCHATO

RUA GARRETT, 47, S/L.

Telefone 24651

Raul Faria da Fonseca

(Continuação da página 20)

Mudamos de assunto. A conversa começa a tomar um rumo que nos afasta do cinema—

—E Hollywood?
—Achei-a simplesmente adorável. Um clima único, delicioso—embalsamador. Manhãs perfumadas. Noites ciliadas. Compreendemos agora esta indumentária vaporosa das estrelas e o seu ar eterno de fiores de Primavera.

—Estrelas? Vêem-se, assim, pe'as ruas? Ou estão, normalmente, em eclipse?
—Pl dezenas delas. Falei com muitas outras.

—Impressões?
—Excitantes. Gentis, acolhedoras e muito agradáveis com os jornalistas. Fitas e clips. Entrevistei a Lionel Barrymore, a Margaret O'Brien, o Red Skelton, o Taylor, a Hepburn, etc., etc.

—Sob o ponto de vista físico, decepcionaram-no?
—Pelo contrário. Algumas, como a Esther Williams—o «aquatiche» da América—são muito mais belas na vida real do que na tela. Essa Esther Williams chega a ser bonita de mais! Temos que virar a cara para o lado, para fugir à atracção da sua presença...

—Visitou os estúdios?
—Percorri os da Metro-Goldwyn, de ponta a ponta. Uma cidade. Sob o aspecto técnico, são um deslumbramento.

—Inovações?
—Inúmeras. Hoje, no entanto, três coisas que me impressionaram:

1.—Os artistas filmam normalmente, sem a menor excitação, tal como andam na rua. A caracterização, hoy, tem, quase exclusivamente, funções de «composições».

2.—As cenas são rodadas com pouquíssima luz. Emulsões sensíveis e objectivas de grande abertura, muito luminosas. A tal ponto, que ao ver Katherine Hepburn filmar uma cena, interrupti o técnico que seria de cederem sobre se não acendiam os projectores...

3.—Os cenário fazem-se sem ângulos abertos. O contraplano, o péso ou a pasta são postos de lado, tanto quanto possível. Armações de madeira, sem peneas pintadas.

E muito mais nos disse Faria da Fonseca. No entanto, aconselhamos os leitores a que leiam os seus crónicas, onde ele desenvolve muitos dos aspectos aqui enunciados e contém outras coisas de quezonante interesse para quantos se preocupam com estas coisas de cinema.

Gina Bonotto

(Continuação da página 30)

francesa, ela é, todavia, pelo coração, tão amiga de Lisboa que todos os dias a ajuda a vestir com gosto e elegância—em figurinos onde a originalidade está sempre bem realçada.

Assim, nesta época de grandes dificuldades para atravessar fronteiras, as boas casas de modas de Lisboa têm, em Gina Bonotto, a grande vantagem de realizar, com as suas criações, os mais lindos modelos originaes que nada são inferiores aos que são adquiridos, por altíssimos preços, em Madrid, Barcelona ou Paris.

A originalidade de Gina Bonotto não está só na criação dos vestidos. Daqui para diante quanto é indumentária feminina—as malas, os cintos, os adornos, os próprios chapéus, e até os sapatos, fazem parte dos modelos que ela apresenta às casas da especialidade, com o requintado gosto da sua sensibilidade artística.

SEMPRE... PARIS



Aos assinantes de "Vida Mundial Ilustrada"

EM virtude desta revista ter passado a vender-se, avulso, ao preço de 2 escudos, deviam, naturalmente, ser agravadas também as condições de assinatura. Todavia, desejando manter para os nossos assinantes uma regalia especial, resolvemos manter para eles os mesmos preços até agora em vigor. Esses preços são os seguintes: «Continente e Ilhas» 4 meses (13 números), 25\$80; 6 meses (26 números), 46\$80; 12 meses (52 números), 93\$60.

«Africa Portuguesa, Brasil e Espanha» 6 meses (26 números), 50\$00; 12 meses (52 números), 100\$00.

Como se verifica, estes preços representam uma vantagem de 10 % em relação aos leitores que compram avulso.

Temos, porém, de fazer terminar, a partir deste número, o benefício que vínhamos concedendo há um ano a todos os nossos assinantes: direito de receberem gratuitamente o nosso suplemento «Detectives». Pelo elevado custo deste, agravado por inúmeros encargos novos, entre eles um aumento de 60 % no custo do papel, é-nos materialmente impossível continuar a manter essa regalia. Todavia, «Detective» continuará a ser enviado gratuitamente aos assinantes desta revista até termo das respectivas assinaturas. Os assinantes que desejarem continuar a receber o nosso suplemento devem comunicar-nos, portanto, se desejam fazer a sua assinatura para, na devida oportunidade, lhes ser enviado o respectivo recibo a cobrança. De contrário, a remessa de «Detectives» ser-thesá suspensa. Sentimos ter de tomar esta decisão. Mas, nas circunstâncias presentes, não podemos deixar de o fazer para nos darmos manter em condições de vida as publicações que editamos.



Historia pitoresca de um soberano negro

O REI KOUKABENGA

POR JORGE RAMOS

NÃO há em todo o continente negro uma mistura tão extravagante de civilização e de barbarie como no reino de Bambarra. A África de tanga nos rins e de chapéu de côco, dá ali uma versão pitoresca à linguagem do progresso europeu.

Uma vez explorada a imensidade do Niger, desde o golfo de Biafra ao Bemué — a que hoje chamamos Lago Tchad — as regiões que o rio atravessa na África Central formam-se pouco a pouco transformando em pequenos centros semi-civilizados para depois transbordar a corrente comercial do Senegal e da Guiné.

Dakar, na Senegambá, velha terra das tribos de *jofolas* do antigo Império de Búrba-Dj-Ilof, enviava ao Sudão os seus caixeiros viajantes, grande porto, na rota das Índias, recebia da Europa bugiungas de tola a espécie que as caravanas de mercadores apresentavam como últimas novidades aos sobas de Rabba e de Massina. Julgamos também que os primeiros paquetes ancorados em Freetown teriam despejado na Serra Leoa uma confusão balística de mercadorias para a transacção de troca com os indígenas das terras marginais do Calabar. O Niger, à maneira que descreve o seu enorme arco irregular de mil e quinhentos quilómetros de largura, estende-se por perto de oitocentas léguas, mas vai mudando de nome conforme as regiões que atravessa, tal qual os camalhões mudam de cor segundo os solos onde se colocam. Significa sempre rio nos diversos dialectos dos indígenas, embora aqui se chame *Qurra*, mais adiante *Kwara*, *Isa* ou *Eghiriu*. Quando toma o nome de *Bahá-ri-no* já subiu o bastante para atingir as cachoeiras do Dholiba. Está às portas de Bamako, capital do Sudão, a cidade do sal. Esta metrópole chela de vida, confluência dos mil e um negócios que se fazem no reino de Bambarra, é a cidade-mãe desse vasto território, a cidade-professora que ensina à alma infantil das tribos sudanesas como devem tornar-se elegantes usando colares de missanga, pondo sobre a carapinha das mulheres um chapéu usado em Paris em 1901, ou cobrindo as pernas esqueléticas dum *ba-tonga* com um pedaço de reposteiro.

Kulkorí, cidade de Bambarra, não terá a superfície duma das nossas aldeias, mas nela cabe um reino. O país de Kulkorí (monarquia constitucional...) está a setenta e oito quilómetros da civilização, isto é: a dois passos de Bamako... E tem um rei: Koukabenga.

Este «gentleman» adquiriu certas noções acerca das maravilhas da ciência europeia, quando um negro de Unzikulu lhe contou que em troca de dois ou três insignificantes dentes de elefante se podia obter «littres», maços de cigarros, espelhos, saca-rolhas, lenços de côr e sabonetes. Koukabenga tem a inteligência e a curiosidade do *mtengo* — o elefante da sua pátria.

Mandou a Bamako o seu ministro dos Estrangeiros, Garubussa, diplomata astuto que o soberano agraciara com a Ordem da Pena de Kapepe quando da conferência que pôs termo à guerra entre os valentes guerreiros de Kulkorí e os san-



Uma ponte improvisada sobre o rio

guinríos *biddimaths* do Tchad. Este entendeu-se com os homens brancos que mais contacto tinham com aqueles que desembarcavam no porto de Dakar.

E efectuaram-se, então, numerosas negociações e acordos comerciais. Daí a fundação duma espécie de *Banco de Hehblinda*, cuja função se resume em activar as trocas entre o *maungo* europeu, os bantas e os talibos do reino de Bambarra... O hábil Garubussa fez algumas aquisições que reputou interessantes, e a mais notável foi, sem dúvida, a dalgumas revistas ilustradas, que suscitam a melhor atenção de Sua Majestade. Não foi preciso muito tempo para que o rei Koukabenga compreendesse que podia comprar em moeda-marfim aqueles objectos singulares usados pelos europeus. Assim se explica que no país de Kulkorí onde *simba*, o leão, enche de roncões as florestas para protestar contra o progresso, e a hiena ataca o *kral* para procurar o almoço, um povo relativamente feliz, saboreia uma hipótese de conforto moderno...

Koukabenga I., o «inspirado», descende da nobre tribo dos *fellatahs*, e corre-lhe nas veias negríssimo sangue real.

Seu avô, Guimanapanga, o «Unha de Tigre», aliado dum outro poderoso rei mandinga, derrotou os *amans* de origem árabe na batalha de Nyam, «terra da lua». Koukabenga levou à ponta das lanças dos seus guerreiros, até às portas da Nigéria, as hordas intrépidas dos «chunas». Cobre o ventre com pele de pantera mas uma relógio de pulso, caneta de tinta permanente e esquerito. Venera os ídolos e respeita sobretudo Unglana, o deus das chuvas. Mandou vir de Nova-York três frigoríficos e encomendou em Londres dezassete banheiras para seu uso pessoal. Acredita nas profecias dos feiticeiros e joga o bilhar com os seus ministros. Caca o *impato* à flecha e tem máquina fotográfica, serroteira e aparelho de fazer café. Depois da apetrevidíssima façanha de Garubussa — uma viagem até à Europa — o rei de Kulkorí lê os jornais. O seu illustre ministro tornou-se célebre é o autor do *Dicionário Kulkoriano dos Principais Dialectos*, obra que foi premiada com uma das primeiras máquinas de escrever vindas da Guiné Portuguesa.

Não me admiro que dentro de pouco tempo se veja no Café Luabala, da Avenida da Paçala, ou à porta do Cinema Gólus, este diálogo entre um gigante bódia da Zuluandia, acionista de qualquer fábrica de escovas de dentes, e um minúsculo mambuti de Bukana, director da «The Anglo Nyam-Nyam Telephone».

—Teria muito prazer em convidar V. Ex.ª para me acompanhar no meu «yacht» até ao Casino do lago Kiu, onde jogariamos uma partida de «bridge»...

—Impossível, meu caro senhor. Tenho de tomar o avião de Nianza para ir à fábrica Unkulumuku por causa duma avaria no meu aparelho de televisão...

Neste mapa estão assinaladas as cidades de Bamako, capital do Sudão, e a cidade-reino de Kulkorí, que recebem de Freetown os produtos da Europa



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

CAPÍTULO XXXI A FORTALEZA EUROPEIA

POR CARLOS FERREÃO



Ao fundo, o general Jodl, um dos elementos a quem o Fuhrer confiava o Alto Comando

A medida que a guerra decoria, as atribuições de Himmler foram extraordinariamente alargadas. Além de ser nomeado ministro do Interior, o que praticamente equivalia a confiar-lhe todos os poderes para exercer, dentro da Alemanha, uma acção discrecional, passou a exercer também uma influência decisiva na condução das operações militares. A razão desta interferência, que durante certo tempo se afigurou estranha a muitos observadores estrangeiros, era simples.

As S.S., que inicialmente constituíam um corpo de defesa do regime nacional-socialista e do Fuhrer, passaram a ter, com o desenvolvimento das hostilidades e a ocupação efectiva de diversos países do continente, um desenvolvimento militar, as Waffen S.S. que constituíam formações aparte com o seu comando próprio e tendo, nos conselhos em que se decidia a marcha das batalhas, uma voz independente.

O comportamento de algumas das suas formações na frente leste, comportamento excepcional, e o espírito de sacrifício e devoção patriótica que animava os seus componentes, fizeram com que a sua reputação aumentasse rapidamente, e a sua influência crescesse em proporções inesperadas. Depois de terem tomado, com êxito vário, os guerrilheiros soviéticos na retaguarda das linhas de fogo, algumas dessas formações, animadas por este fanatismo extraordinário, tomaram lugar na frente de batalha e bateram-se por vezes até ao sacrifício total.

Esta circunstância coincidiu com o agravamento, depois de Estalinegrado, das relações entre o Fuhrer e o Estado-Maior. Este abandonou praticamente a direcção das operações, a qual passou a estar confiada ao Alto Comando, onde predominavam dois elementos da inteira confiança pessoal do Hitler, o marechal Kettel e o general Jodl, e ao Quartel General pessoal do Fuhrer, onde duas das personalidades eram igualmente predominantes.

Assim, os generais das Waffen S.S., generais quase todos novos e promovidos por distinção nos campos de batalha ou por favoritismo político, passaram a ter, nos assuntos militares e na sua resolução, uma importância e uma influência crescentes. Essa importância e essa influência reflectiam-se no ascenso inesperado

de Himmler, que até certa altura desempenhara funções exclusivamente policiais e de segurança, às culmâncias do mando e do poder político.

A LUTA ENTRE O ESTADO-MAIOR E O REGIME NACIONAL-SOCIALISTA TEVE COMO CONSEQUÊNCIA A ASCENSÃO RÁPIDA DE HIMMLER

Colocado perante as realidades que resultavam da hostilidade crescente do Estado-Maior à sua estratégia aventureira na frente leste, Hitler, que se encontrava firmemente decidido a continuar a luta até final, qualquer que fossem as consequências da sua resolução desesperada, não hesitou em se apoiar nas Waffen S.S. e nos seus generais para realizar os objectivos que tinha em vista.

Algumas das divições das Waffen S.S. tinham-se tornado famosas com os seus chefes durante as fases mais recentes da campanha da Rússia, oferecendo uma resistência pertinaz ao avanço das tropas soviéticas. Disponham de excelente material e equipamento, e em consequência das divergências com a Wehrmacht, o Fuhrer ordenara que tivessem, igualmente, tanques e aviação. Ficaram assim constituindo um exército especial, o qual havia de desempenhar, durante a última fase da guerra e sobretudo após a desmbarque no ocidente, o papel principal, suportando o maior peso da luta.

Para que não houvesse dúvidas sobre a influência que a nomeação de Himmler, chefe das Waffen S.S., passaria a ter na condução das operações militares, o órgão do partido nacional-socialista, o «Völkischer Beobachter», referia-se a ela nos seguintes termos: «Esta nomeação significa que se constituiu uma frente única contra todos os covardes e contra os partidários de qualquer contemporização com o inimigo. Os obstáculos, grandes ou pequenos, que possam surgir no caminho que o Reich se propõe seguir serão inexoravelmente

destruídos. Era a guerra a todo o transe e contra as indicações do mais elementar bom senso que, sob a direcção de Himmler, o Terceiro Reich se propunha realizar contra o resto do mundo. Perante o Estado-Maior, o partido tomava as suas precauções. No fundo era já a atmosfera que gerou o atentado de 20 de Julho do ano seguinte, com as suas consequências, que estava a adensar-se sobre a Alemanha vencida, ante mesmo de se iniciar a última fase da luta. Era o apocalipse dos fusos com o seu cortejo de horrores.

AS RPPECUOSQUES QUE TEVE NO INTERIOR DA ALEMANHIA A NOTÍCIA DE QUE A ITÁLIA CAPITULARA E O FASCISMO DESAPARECERA DA CENA POLÍTICA

A notícia da queda do fascismo e da paz separada com a Itália surgiu, pouco tempo depois, para demonstrar até que ponto a ideia de continuar a guerra naquelas condições era insensata. O Fuhrer concluiu uma reunião especial dos seus mais categorizados colaboradores para estudar a situação. A essa reunião compareceram as figuras preponderantes do partido e do exército. Estiveram presentes, entre outros, o marechal Goering, Goebbels, Ribbentrop, Himmler, Speer, Borman, o general Jodl, o almirante Doenitz e o marechal da Luftwaffe, Milch.

Perante o conhecimento de que o marechal Badoglio iniciara, dentro em pouco, negociações separadas com os Aliados para conseguir um armistício, foi decidido, em tais circunstâncias que o caso aconselhava, a fim de impedir que os anglo-americanos tomassem conta da situação italiana, fazendo dela o corredor de invasão que aniquilaria todos os planos previstos para a defesa tensa da «Fortaleza Europeia».

A recente nomeação de Himmler e a influência atribuída às Waffen S.S. no quadro das forças militares do Reich constituíam naquele momento precauções que os acontecimentos se encarregavam de justificar. O partido, dispondo praticamente de todas as alavancas de comando, estava em condições de vigiar os movimentos dos chefes militares, não movendo que eles tivessem a tentação de seguir o exemplo dos seus colegas italianos. Assim se explicava que, no discurso que proferiu em seguida à rendição da Itália, Hitler se tivesse referido abertamente a esse facto, afirmando, de uma maneira dogmática, «que o caso da Itália se não repetiria na Alemanha». Para alcançar este objectivo e para impedir, mesmo à custa dos maiores sacrifícios, que os Aliados pudessem servir-se do território italiano para apressarem a realização dos seus planos de invasão, Hitler e os seus colaboradores tiveram que fazer a maior insistência, no reunião a que nos referimos, fazer tudo o que estivesse ao seu alcance, incluindo o sacrifício da hierarquia militar aos generais improvisados das Waffen S.S.

TODAS AS IDEIAS CONCEBIDAS PELO COMANDO TINHAM SIDO DESTRUÍDAS PELA MARCHA VERTIGINOSA DE HITLER

Nessa altura era já possível verificar que as ideias concebidas pelo Alto Comando alemão para que pudesse realizar-se efectivamente a «Fortaleza Europeia» se haviam malogrado. Por um lado, a carência crescente de potencial humano tornava a defesa impossível por vezes. Por outro, o perímtero defensivo da

«Fortaleza Europeia» estendia-se por milhares de quilómetros que não era possível assegurar, como ponto por falta de homens. Estes, por sua vez, não dispunham de todo o material necessário para não poderem desempenhar-se as suas missões.

Entretanto, no interior do continente, a extensão dos territórios ocupados pelas forças alemãs diminuía à medida que os exércitos russos avançavam a leste. Esse avanço traduzia-se, já nessa altura, pela conquista de extensões enormes, e tudo fazia prever que continuaria, o que, na hipótese mais que provável de um desembarque aliado no ocidente, encurtaria a distância que separava as duas frentes em condições desvantajosas para as necessidades de manobra do Alto Comando alemão e dos chefes militares encarregados da condução das operações.

A campanha submarina, em que a partir do Outono de 1942 o Reich depositara as suas melhores esperanças, malograra-se perante as medidas defensivas adoptadas pelas autoridades navais anglo-americanas. Essas medidas tinham tomado, especialmente no Atlântico, uma tal amplitude que dificilmente o almirante Doenitz estaria em condições de renovar a sua violenta ofensiva da Primavera de 1943, a qual, entretanto, não conseguira impedir que dos Estados-Unidos fosse transportada para a Europa uma parte valiosa do corpo expedicionário que mais tarde devia desembarcar na Normandia, e todo o material e equipamento necessário para que pudesse desembarcar na sua missão.

Quando, no Outono de 1942, começou a circular a notícia de que a Wehrmacht passaria à defensiva, os alemães dispunham de 400 divisões. Um ano depois, em consequência dos desastres sofridos na frente leste, em África e na Itália, esse número estava reduzido a trezentas. Entretanto, o Reich perdera a cooperação militar de todos os seus aliados, a qual se traduzia por uma participação activa de cerca de cento e cinquenta divisões. Isto significava que, nesse curto prazo de tempo, a defesa da «Fortaleza Europeia» perdera duzentas e cinquenta divisões que inicialmente deviam defendê-la contra os assaltos dos inimigos do Reich.

(Continua)

Marechal Keitel

PAPEL PARA CARLOS

Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório

MAILHO TRIGÃO E A CONQUISTA DE PRÉCÍCIA DE MADAME CATULLE MENDÈS

POR FERNANDO D'ÊÇA LEAL

Romão Origão

FICOU-SE a dever ao Visconde de S. Luís de Braga o ter trazido ao teatro D. Amélia (hoje S. Luís), todas as celebridades mundiais daqueles tempos. Inaugurou o teatro a Grande Companhia Italiana, de Operas de Gargano. Depois, quase a seguir, Novelli, o colossal actor. Não faltou a um espectáculo.

A sua transformação, de peça para peça, era fantástica! Uma noite viu nos «Espetras», de Ibsen. Desempenho tão formidável, que nunca mais esquecerei! A seguir, na tragédia «Luis XI», uma das mais grandes corvoas de glória, e depois, na comédia «A Madrinhã de Charles», em que fez rir o público a bandeiras despendidas! Que formidável actor!

Depois, vieram os iminentes trágicos Emanuel e Zaconi. Que belas noites de teatro! Logo a seguir, o admirável Coque-
lin, o criador do «Cyrano de Bergerac». Guítrí (Luclien), outro grande actor, com o seu lindo repertório de Bernstein, Bataille, Bourget, etc. Mais tarde a genial Duse, a maior de todas as actrizes! Nunca vi outra assim!

Duse não representava. Era a vida em cena! Lisboa aclamava-a delirantemente! Na «Edda Gubler», de Ibsen, na «Madame», de Sudermann, na «Dama das Camélias», alcançou verdadeiros triunfos!

Esta célebre actriz adorou a nossa cidade, que para ela só tinha um defeito: o vento.

António Manuel Teixeira, que foi durante muitos anos secretário do Visconde de S. Luís, foi quem me contou esta frase.

António Manuel era baixo, gordete, e usava, como o seu empresário, que também era baixo e gordete, fatos da mesma cor, capas compridas, até ao chão, e chapéus moles, com peninha ao lado. Ambos não convivio eram engraçados e encantadores.

António Manuel, fazendo alusão à cidade frases, dizia-me uma tarde no terraço do Grémio Literário: «Duse tem carradas de razão. Este nosso país pertence-lhe com as suas correntes de ar! Eu, filho (tratava toda a gente assim), como sabeis, vou todos os anos com o Visconde passar dois e três meses no estrangeiro, nunca li nos contapmeos! Quando regressamos, as belas actrizes da Pampulha, já os nossos narizes começam a dar sinal de si. Quando os espiritos! Eu já sei, filho, que com as correntes de ar que apanhoo e o copinho de água que bebo no Entroncamento, dão-me, quase sempre, logo de entrada, para um sete ou oito dias de cama!»

Numa das épocas de inverno em que o Visconde trouxera mais celebridades, apresentou logo de entrada

a divina Sarah Bernhardt, famosa actriz, que durante muitos anos encantou e deslumbrou o mundo!

Tinha um prestígio colossal! Quando la à Inglaterra ou à América, era lá recebida como uma rainha. Conta Verneuil, conhecido actor e autor de muitas peças, que foi casado com uma neta da grande actriz, que não se faz uma ideia do que eram as recepções que lhe davam no estrangeiro, e da admiração que lhe dispensavam.

Quando ao seu poder em França, Verneuil narra o seguinte: num ilustre de provincia, que se orgulhava de fazer exame de história, salvou-se de uma reprovação por ter respondido, sem hesitar, ao examinador, que lhe perguntou qual eram as três figuras mais célebres da História da França, da seguinte maneira: Napoleão, Victor Hugo e Sarah Bernhardt!

Depois veio Bejano, a criadora da «Zéa», da «M.» de San Gènes e de muitas outras lindas peças. E ainda Bartet, Martha Bégnier, a linda Jane Hading, De Pérandy, o elegante André Brulé, que endoideceu as mentes machucando com a sua bela figura, a sua natural distincção e o seu janotismo. Le Burgy, o grande galã do estuopado criador do «Marquis de Priola», de Lavedan. Era um actor de alta comédia, distinguindo Maria Caserio, Fernando Dias de Mendonça, Rosário Pino e as nossas grandes actrizes Angela Pinto, Lucinda Simões, Adellina, Palmira e Lucilla, que teve naquelle teatro épocas brilhantes. Estão a vê-la «Fajadas», na «Casa em Ordem», nas «Fogueiras de S. João», na «Roxane» do «Cyrano! Todos os rapazes daquela época se apaixonaram por ela!

E os nossos admiráveis actores: Brazão, os Rosas, Ferreira da Silva, Chaby! Que companhias admiráveis! Que conjuntos!

De vez em quando, o Visconde apresentava músicos célebres, orquestras afamadas, óptimas companhias de zarzuela, e até cançonistas da moda.

No meio de tudo isto, anunciou nunca Primavera, em grandes reclamações, uma récita da grande trágica Japonesa Sado-Yaco, com a sua companhia. Esperavamos, é claro, ficar a conhecer um teatro horrorífico, mas que vimos foi muito além do que imaginávamos!

As barbaridades e as selvagerias foram de ordem que a meio da noite estávamos todos com os cabelos em pé!

Mai o pano tinha subido, os personagens começaram logo em lutas feroces, uns com paus de feitos esquitos, outros com enormes facchões. E os poucos que durante a tragédia escaparam, milagrosamente, áquelas lutas, suicidaram-se depois barbaramente! E tudo isto era feito ao vivo! Um horror!

Quando o pano desceu sobre o último acto, o público aplaudiu, satisfeito por ter acabado aquella sangueira, e chamou à certa Sado-Yaco. O pano subiu, mas o palco conservou-se, durante algum tempo, deserto. Então o dr. José Gentil, grande médico e operador, com o seu ar muito calmo, o qual estava perto de mim, foi-nos dizendo: «Vocês dêem palmas, dêem, mas fiquem sabendo que da Companhia não nos apparece ninguém! Quem nos vai apparecer é o Magno e o Barata a communicarem ao público que o Visconde se encarregou dos funeraes!»

Mas o Visconde, calculando o estado de excitação em que ficávamos, deus-nos, então, no fim do espectá-

culo, a famosa ballarina «Loie Fuller», formosa, escultural, alta, loira, na sua bela criação, a «Dança Serpentina». Saltos dum horrível pesadelo, para entrarmos num lindo sonho! Toda ella era uma espuma! Uma nuvem muito branca, que a pouco e pouco la mudando de cor, dándonos a impressão de uma grande e linda borboleta, dançando sempre, ao som de uma deliciosa valsa! Foi um encanto e um successo!

Em princípios de Janeiro de 1910, os jornais annunciaram quatro conferências, duas pelo grande poeta e dramaturgo, o acadêmico Jean Richepin, e outras duas pela poetisa M.^{me} Catulle Mendès, viúva do conhecido homem de teatro, romancista e poeta, que morreu tragicamente em Paris.

Assistí à primeira de Richepin, que se realizou em 7 do referido mês, perante um público numeroso e escolhido.

O grande poeta fez a sua conferência subordinada a este tema sedutor: «La mere».

Préviamente, foi apresentado pelo distinto actor Chabi Pinheiro, que leu umas palavras de um conhecido escriptor. Foi muito notado, tendo-se até os jornais referido a isso, que sendo o conferente um «imortal», não fosse apresentado por um dos nossos homens de letras.

Richepin, muito aclamado logo que appareceu no palco, entreteve e deliciou o auditorio durante uma hora, recitando versos seus inspirados no mar, entrementando a recitação com improvisações cheias de pitresco e de muito bom humor. Ouvíu foi um verdadeiro encanto.

O público interrompeu o iminentemente homem de letras, repetidas vezes, com bravos e palmas, tendo-o no fim aclamado com calorosas ovacões. A sua segunda conferência foi sobre a «Legende de Napoleón dans les poésies». Uma aborrecida constatação fez com que eu não pudesse assistir.

Soubes, depois, que tinha sido outro encanto.

Os poucos dias realizouse, então, a primeira de Madame Catulle

Mendès. Foi, mas desta vez com minha familia para um frisa. Casa cheia. Tudo o que havia de mais conhecido nas nossas letras e na nossa sociedade elegante. Depois do sinal da praxe, abriu o pano e appareceu Chabi, que fez uma bem floreada apresentação da conferente. A seguir abriuse um reposteiro e appareceu um penteado muito original, que fez sensação nas senhoras, e uma elegantíssima stilette, que devia ser de uma das primeiras casas de Paris. Ao peito um lindo ramo de violetas. Fez uma vénia à plateia, e sentou-se numa cómoda cadeira. Troux de uma pasta um

(Continua na página 16)



O actor Le Burgy



Madame Catulle Mendès

Tino de Lorenzo, na «Zéa»

OVATICA O Encomendou 14.000 projectores de formato reduzido

As estreias fofam sem caracterização e "à meia luz"

diz-nos Raúl Faria da Fonseca, no seu regresso de Hollywood onde foi estudar os problemas do 16" //

POR FERNANDO FRAGOSO

RAUL Faria da Fonseca, técnico e jornalista de cinema, regressou, há dias, da América, após três meses de estada nos centros cinematográficos do Novo Mundo.

Do serviço da Metro-Goldwyn-Mayer, estudou ali o problema dos 16 milímetros, com vista à sua expansão e desenvolvimento no nosso país, de acordo com o plano estabelecido pela grande firma produtora — e girado para o mundo inteiro.

Faria da Fonseca percorreu a América. Esteve em Nova-York, Washington, Chicago, São Paulo — e passou cerca de uma semana em Hollywood, com credenciais que o habilitaram a forçar as portas dos estúdios e transpôr os limites defesos, normalmente, à própria curiosidade dos jornalistas. Das suas impressões, vem-nos dando conta nas páginas do «Diário Popular», através de crónicas sugestivas e cheias de interesse — e sabemos que Faria da Fonseca prepara um livro, que ficaremos aguardando ansiosamente.

Encontrámo-lo, há dias, e interrogámo-lo sobre os resultados da sua viagem.

— O cinema de 16 milímetros — diz-nos Faria da Fonseca — vai tomar, dentro de algum tempo, um desenvolvimento considerável. Sobretudo, como se tem apegado — tornará possível o espectáculo cinematográfico nos pequenos centros populacionais, quer pelas reduções económicas das instalações, quer ainda pela segurança e facilidade de manuseio. Sob o ponto de vista didáctico, pedagógico e cultural, adquirirá cada vez maior interesse e será usado supor que num futuro mais ou menos próximo, existam escolas, seja qual for o grau do ensino, que não disponham de um «cinema» ou auxiliar do professor. Ao lado do quadro preto — teremos, deste modo, como complemento, o quadro branco.

E Raúl Faria da Fonseca, a uma pergunta nossa, elucidá-nos sobre outro aspecto do problema.

— A defesa do cinema industrial, está assegurada. O cinema de 16 milímetros, sob este aspecto, nunca poderá ser um concorrente das salas que actualmente exploram o 35 milímetros. Das várias bases de acção comum, ressaltam as seguintes afirmações:

1. — Nenhuma firma produtora poderá alugar filmes de 16 milímetros a entidades particulares. Apenas as casas de espectáculo, oficialmente reconhecidas como tal, poderão adquirir as verdadeiras dos nossos filmes em 16 milímetros. E estas casas não dizem nem sequer haverá distribuição nos termos dos contratos: apenas forneceremos as cópias em 35 milímetros, consoante o equipamento das salas respectivas.

2. — Só alguns poucos programas de 16 milímetros para localidades onde não haja cinemas de 35 milímetros. Nas cidades que não dispõem de 16 milímetros, apenas distribuímos actualidades para cinemas que se destinem exclusivamente à exploração de jornais filmados e pequenos filmes. Mas, mesmo assim, é necessário que essas cinemas pertençam

a empresas ou circuitos que já explorem salas com o 35 milímetros.

3. — Os filmes de 16 milímetros só poderão ser explorados um ano depois de haver terminado a carreira, em todo o mercado nacional, da cópia respectiva em 35 milímetros.

«Entre o 16 e o 35 milímetros haverá, pois, uma diferença dominante: o custo das aparelhagens de projecção. Que é — à simplicidade de instalação e manuseio e à segurança de material (todos os filmes são ininflamáveis), permitirá obter uma ampliação do mercado. A dita generalização de que em cada uma das nossas casas, nos clubes do bairro ou nos associações desportivas, poderemos passar, para público mais ou menos numeroso, os filmes que hoje só poderemos ver nas salas — é, pois, sonho e fantasia. De resto, nem outra poderia ser a solução de um problema, como defesa da sua própria indústria.

— A expansão do 16 milímetros no nosso país será imediata?

— Não creio. Teremos que dar tempo ao tempo. Além de muitos problemas em suspensão, há o das aparelhagens. A maioria das fábricas ainda não operam a conservação da indústria de guerra em indústria de paz. Os projectores são aparelhos de fácil manuseio, mas delicados. A América necessita de dezenas de milhares de aparelhagens, a julgar pelos pedidos formulados. E o Vaticano, por seu turno, encomendou 14 mil máquinas de projecção.

E ante a nossa surpresa, Faria da Fonseca explicou:

— Oferecê-las a preços ínfimos todos aqueles que se comprometem a exhibir dez minutos de filmes de propaganda católica.

Admita que a América possa exportar os milhares de aparelhagens de que o mundo necessita, haverá que esperar algum tempo.

— E quanto à qualidade da imagem —volvemos— é tão nítida e tão perfeita como a dos filmes?

— Sem dúvida. E o mesmo acontece com o som.

— As melhores. Gostei muito de lá estar. Guardo as mais gratas recordações da minha viagem. Não gosto de ir ali viver. E outra a forma de sentir. Há como que uma extenuante luta constante de ser. O ritmo alucinante do dia a dia, quase que não nos consente a reflexão responsável a mim mesmo, nem a naquelas pequenas coisas que gostamos de conduzir ao sabor da inspiração.

— Qual foi a cidade que mais lhe agradou?

— Sem Francisco. E como Lisboa, assente em sete colinas. Tem beleza, carácter, pitoresco — uma personalidade definida e bem marcada. Washington é a cidade das lindas mulheres. Há sete para cada homem. Devoram-nos na rua, com os olhos. Se quisesse etiquetá-la na minha memória, arquivá-la com estes dizeres: «Linda cidade onde as mulheres têm as mais lindas pernas...»

(Continua na página 16)

BONOTTO UMA FIGURINISTA MODERNA

A arte dos figurinos tem tido, ultimamente, entre nós, um desenvolvimento ilustre. Já se não precisa de importar, pelo correio, o gosto, a elegância, quase sempre imposta pelos grandes costureiros dos centros mundanos, como Paris e Nova-York. A guerra veio embarcar essa livre exportação da moda. Paris, invadida, a braços com a miséria, foi uma autêntica caserna da soldadesca.

Hoje, porém, tudo volta a ocupar os seus lugares: já os parisienses, orgulhosos, mandam pelo mundo essas deslumbrantes paradas de figurinos — e os numerosos ateliers de Paris, como órbita do mundanismo, lançam sobre a voga feminina a elegância das últimas criações.

Ainda há pouco, Lisboa assistiu, no Trindade, a essa passagem de modelos, que tanto entusiasmou a nossa sociedade elegante.

Paris continuou, assim, com o ceptro neste reinado mundano. Sua Majestade a Moda, ditadora exigente, mostrou-se bem francesa, como se Paris, o seu pálcio, a tivesse remocao — ela que tem séculos e muda todas as estações.

Em Lisboa — cidade onde se veste bem, na apreciação dada ilustre escritora inglesa — há já um sentido desta da moda e um gosto apurado, que fazem do nosso Chado um verdadeiro desfile de elegâncias — um pouco anão, é certo, mas que lhe empresta brilho.

A moda criou, pois, entre nós, os seus artistas. Não basta ter bons ateliers — é preciso orientá-los, dar-lhes possibilidades criadoras, impô-los, em fim, ao gosto do público.

Daí, aparecerem agora, com frequência, figurinos que se diriam vindos de França, mas que são feitos em Lisboa por uma jovem artista que, dia a dia, vem marcando a sua presença com um sentido profundamente renovador, sendo classicamente francesa no gosto, no talhe, nas próprias combinações de cores dos seus figurinos.

Trata-se de Gina Bonotto, uma insinuante rapariga francesa que os empúrrões da guerra trouxeram, em boa hora, para o nosso país. A sua arte de figurinista foi logo acolhida com a mais viva simpatia. O seu gosto, a requintada sensibilidade de que é provida, aquele temperamento inquieto de artista, encontraram logo, num meio como o nosso, em que tudo se importa, a aceitação e o carinho das maiores casas de modas.

Gina Bonotto apresentou lindas criações.

Os seus figurinos, absolutamente originais, são profundamente franceses, pela influência que Paris teve na sua vida de artista.

Não só desenha figurinos para os costureiros — como para os cinemas e teatros. No «Tiro-Lírio», ao lado de Pinto de Campos, apresenta seus delicados modelos que realçam de beleza as personagens.

Gina Bonotto, sendo uma artista que ainda não atingiu os vinte anos — tem, já, na Arte, a sua maioridade. E, sem dúvida, uma das melhores afirmações dos figurinistas portugueses. Pela sua origem

(Continua na página 16)



Nada como o exercício físico para manter a forma. Nelson Eddy, o famoso barítono, gosta de proceder a estas excavações, com pesada pé de ferro — como reforço das práticas desportivas. «A vida depende da saúde. E todo o cantor que se preze — costume dizer Nelson Eddy — deverá fazer o possível a o impossível para se manter forte e saudável». Nota-se que o famoso intérprete de «Boloquão», está de luvas calçadas, certamente porque entende que as mãos calçadas pelo trabalho violento não servem a finalidade estética dum «divo».

PRIMAVERA
EM HOLLYWOOD

DEANNA DURBIN
E MARIA MONTEZ
SÃO "MANÃS"...

Amor é uma linda coisa — não resta dúvida. E um lar sem filhos — é como uma casa sem sol. Pois bem: o sol raiou nos lares de Deanna Durbin e de Maria Montez sob a forma de lolôs e rosários bebês.

Deanna não teve filhos do seu matrimônio com Vaughan Paul. Mas casou-se, depois, com Felix Jackson, o produtor, muito mais velho do que ela. E na romântica história do noivado, há um novo "sol" a filhinha, que recebeu o nome de Jessica Louise.

Maria Montez, a formosíssima intérprete de «Ali-Babá», de «A Mulher Serpente» e das «Mil e Uma Noites», forma com Jean Pierre Aumont, que se celebrou no cinema francês, um dos casais felizes de Hollywood. Pois Maria Montez teve também uma menina. E chama-se Maria Cristina.

Dequi a algum tempo será, possivelmente, a vez de Shirley Temple. «E nós, que quase andamos com elas ao colo — lembram-se dos primeiros filmes da Deanna e da menina Shirley? — nós, como iam, dizendo, vamos-nos sentindo avós...



ESTA é «a mulher dos nossos sonhos». Digo «nossos» porque, a avallar pelas pessoas que viram o filme, em cujo título a legenda figurava no singular — dizer dos «meus sonhos» seria, pelo menos, ingênuo... Pois Marika Rokk vai, ao que se diz, para Hollywood. Embora vedeta do cinema alemão, Marika é húngara. Casada com o realizador George Jacoby, de quem tem uma filha, nascida após a estadia da vedeta em Lisboa, Marika impôs condições curiosas para actuar nos estúdios americanos. Os cineastas do Novo Mundo não a conheciam. E quando viram «A mulher dos meus sonhos», para estudar o processo da câmara, ficaram de tal forma entusiasmados com ela, que lhe propuseram um contrato tentador.



Um grande filme sueco

"O IMPERADOR DE PORTUGAL" SEGUNDO A OBRA CÉLEBRE DE SELMA LAGERLOF

- 1)-Gun Wallgren, principal intérprete feminina do filme de Molander
- 2)-Victor Sjöström e Gun Wallgren, nas duas figuras culminantes de «O Imperador de Portugal»
- 3)-Uma imagem do filme sueco «O Imperador de Portugal»



O cinema sueco parece disposto a retomar o prestígio que alcançou no tempo do mudo. Nos quadros da sua indústria operou-se total renovação. E «A Estrada que conduz ao Céu» constitui, neste momento, um exemplo típico dos maravilhosos resultados conseguidos.

A Imprensa mundial interessa-se agora por outra produção saída há cerca de um ano dos estúdios de Estocolmo. Trata-se de «O Imperador de Portugal», argumento de Rune Lindström, segundo o romance de Selma Lagerlöf, a autora famosa de «A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson», «A Lenda de Gosta Berlings» e de «A Carroça Fantasma».

O argumento conta-nos o calvário do homem, com a mania das grandezas, e que é levado à loucura pelo mau porte da filha, que ele adora. Nem pelo facto da acção se localizar fora do nosso país, o filme deixa de ter para nós a interesse que lhe advém do título, do nome célebre que subscreve a história e ainda da circunstância de ser uma das obras mais representativas do cinema sueco — cujos actores e cineastas doutros tempos — Stiller, Sjöström, Gosta Ekman e Greta Garbo — tiveram ressonância mundial.

prefira
SHEAFFER'S

a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial



Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:
AZEVEDO & DUARTE, L.^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.º — LISBOA — TELEF. 26297

EM DESCONTO DOS MEUS PECADOS

POR DA CUNHA DIAS

AS OBRAS DE MISERICORDIA
SAO:

9.ª — Ensinar os ignorantes.

Há muito que desisti de ser santo. Os meus pecados são tantos, que só uma penitência longa me poderia conduzir ao caminho da benevolência.

Necessitava, para a fazer, de tomar uma decisão firme, e falta-me coragem; seria preciso, animado por um arrependimento sincero, renunciar.

E amo os meus pecados.

Mas vou, sempre que as circunstâncias o permittem, praticando algumas obras de misericórdia, somando assim atenuantes para alívio das tremendas penas, que me esperam na eternidade.

Hoje, ao acordar, batia o Sol, prazenteiro, madrugador, na janela do meu quarto, e parece que com ele se foram as dores, que durante a noite me atormentaram, agudas, como se vibradas por fina lâmina de aço, inesperadas como raio.

E aproveito esta disposição feliz, praticando mais uma obra de misericórdia, em desconto dos meus pecados.

Deço com frequência a rua do Alecrim, e demoro, às vezes, uns instantes, olhando os escarpates de um livreiro, que também é alfarrabista.

E causa-me arelha, quando, como hoje, um novo arranjo do mostruário esconde da minha rápida pesquisa um livro do dr. Alfredo Pimenta, que há uns anos por lá demora, esperando comprador.

Leio o título — *Paisagem de Orquídeas* — e sorrio-me, porque recordo Coimbra, e a mocidade, que passou.

Mas o Alfredo Pimenta é sempre o mesmo:

Inteligência mediocre, excepcionais qualidades de trabalho, ausência de espírito crítico. E uma pretensiosa preocupação exhibicionista, que amesquinha, e ridiculariza tudo o que escreve e tudo quanto faz.

E foi sempre assim: *Paisagem de Orquídeas*!...

— Que ideia fará o dr. Alfredo Pimenta do significado da palavra — *paisagem*? O que supõe o dr. Alfredo Pimenta que é uma — *orquídea*?

É claro que, como começo o dr. Alfredo Pimenta, sei quais as razões que o levaram a escolher para o seu livro um título, que poderia ser dado a um livro por qualquer insecto mais pequeno do que um gafanhoto, se os insectos escrevessem livros.

O dr. Alfredo Pimenta supõe que as

orquídeas são todas muito raras, e de preço. Sofre a penitência dos que, não sendo milionários, fazem uma vida mental, mas a queira do pretensioso exibicionismo, que o domina, levou-o a dar título tão disparatado a um livro, para induzir aos outros, que a sua vista contemplava uma paisagem de preciosas variedades.

Ora, dr. Alfredo Pimenta, vamos como bons camaradas, que fomos em tempos, que não voltam, dividir isto ao meio, fraternalmente: — *paisagem*, consulte um dicionário; *orquídeas*, explique-lhe.

As orquídeas, ou testiculadas, são umas ervinhas abundantíssimas em Portugal. Sem ir muito longe, ao passar as irrupções do basalto, encontram-se orquídeas nos arredores de Lisboa.

Lugos nos fins do inverno começam florindo várias espécies do género — *Ophrys*, um dos desta família mais representada na flora portuguesa. Entre Abril e Junho florescem quase todas.

Aqui nos arredores de Lisboa, com frequência se topa uma orquídea das mais curiosas, a erva abelha — *Ophrys apifera* — cuja flor se assemelha, com aparência impressionante, a uma abelha poissada sobre duas pequenas folhas de um verde desbotado, duas pétalas sepaloides.

Na região do Getez, a mais singular da flora portuguesa, há uma orquídea interessante, ornamental, com as sépalas salpicadas de negro escuro; no Bussaco, uma outra, uma — *Neottia*, em que os dois tubérculos da raiz se dispõem de maneira que parecem um pequeno ninho — (*Neottia nidus-avis*).

E mais, muitas mais...

Na Turquia, e na Ásia-Menor cultivam-se certas espécies, em grandes tabuleiros, para extrair dos tubérculos uma farinha — *salpê*, mais leve do que a araruta, muito aconselhada pelo seu poder nutritivo aos doentes do aparelho digestivo, e às crianças.

Orquídeas de preço, poucas há certas variedades exóticas, e um ou outro híbrido, exemplar único.

Um, uma — *Aucklandia*, que pertence à família do grande Pitt, vendeu-se, aqui há umas dezenas de anos, por uma riqueza num leilão na Holanda.

Nas orquídeas, como em tudo, há coleccionadores. Há coleccionadores de orquídeas, como há coleccionadores de selos.

Uma colecção pode valer milhões, poucos selos têm grande valor.

(Continua na página 14)

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes saos como nenhuma outra.

QUE FAZER PARA ALIVIAR OS PÉS DORIDOS



Para obter um bem-estar imediato, ponha uma mão cheia de Saltratos Rodet no banho de pés e mergulhe nele seus pés doloridos. Esta água leitosa, sobrecarregada de oxigênio e de sais curativos acalma imediatamente a dor e suprime o inchaço. Calos e calosidades cedem facilmente sob a pressão dos dedos. Os seus pés ficam descansados. Tome hoje mesmo um banho de pés com Saltratos Rodet e amanhã terá pés «novos».

Em todas as farmácias e drograrias, Preços módicos.



PASS-TEMPO



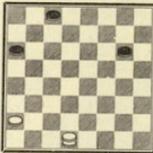
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 56 da Bandeira, 106.3 - LISBOA

DAMAS

(Secção espanhola)
1.º CONCURSO INTERNACIONAL
DE PROBLEMAS DE «DAMAS»
COMPOSIÇÃO N.º 84
(Final)

«La Provinciana» - Las Palmas
(Espanha)

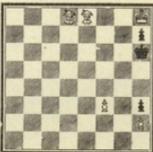
Letra: «Encrenca»



Jogam as brancas e ganham.

XADREZ

PROBLEMA N.º 34
Por A. Andreescu



4x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 33

1. Td1; 2. Bd2; 3. Ba5 x.

HIEROGLIFOS

COMPRIMIDOS

Pelo Dr. José Rodrigues Correia
(Viseu)

Lar r aqui

9 letras

Nota nota nota

6 letras

Nota a favor siga nota

9 letras

O PROBLEMA DE HOJE

Em França um vendedor propôs a compra de ovos a Madame Dupont, a 12 francos cada um.

Ela aceitou a proposta. O que tinha para jantar não era o suficiente. Mas, uma das suas filhas, casado, acaba precisamente de a visitar na companhia de uma sobrinha, Madame Dupont resolve dividir com elas os ovos que comprou.

Ela não guarda para si senão metade dos ovos, mais 1/2 ovo; sua filha toma metade do que resta, mais 1/2 ovo; e a sobrinha leva metade do que resta mais 1/2 ovo. Que ficaram elas para não partir nenhum?

Com quantos ovos ficou cada uma?

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 63

Por Nicolau F. Telo de Moraes
(Viseu)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Instrumento para examinar os órgãos visuais. 2—Doença do leo. 3—Aliada; letra grega. 4—Estreitar; exactamente assim, lat. 5—Apêndice membranoso de alguns insectos; pal de Merob e de Micol e sogro de David. 6—Fútil; tarifa. 7—Moeda de ouro dos Estados-Unidos; vagabunda, inv. 8—Ilha lendária onde aportou Ulisses; golfo da Sardenha. 9—Arvore mal-doada; ajeita-se. 10—Promove pessoal; pedra tóica. 11—Basta; fere de palha onde se envolvem objectos frágeis. 12—Separado, inv. 13—Dar a feição do occidente da Europa a

VERTICAIS: 1—Aparelho para determinar a acidez do azeite. 2—Comentário. 3—Pronome pessoal; verga ao peso. 4—Eleva-se; grande peduço de qualquer coisa. 5—Sentença; período. 6—Conjunto espesso de plantas; cidade da Bélgica. 7—Odios; cidade da Holanda na provincia de Utrecht. 8—Messe; parte. 9—Meios de vida; bosque, inv. 10—Brotar; nome de mulher, inv. 11—Louco; esquadro. 12—Cobra venenosa de Angola (pl.). 13—Relativo à omeplata e à clavicula.

Dicionário adoptado: Augusto Moreno, complementar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 62

HORIZONTAIS: 1—Amado. 2—Das; sul. 3—Ir; ata; lá. 4—La; alara; re. 5—Um; rs. 6—Mandiado. 7—Ar; im. 8—Em; adaga; ra. 9—Iar; are; al. 10—Ala; era. 11—Salas.

VERTICAIS: 1—Llame. 2—Dia; mla. 3—Ar; uma; al. 4—As; amara; as. 5—Al; da. 6—Tarifar. 7—Ar; gó. 8—Os; ardia; és. 9—Ul; som; ar. 10—Lar; ria. 11—Etema.

SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

D. Hermínia Fologosa, D. Magda do Carmo Marques de Sousa, Kriste e Janea, Eurico Machado, João Fologosa Russ, Carlos Pereira Chanoço, José Luís da Cruz, José Luís da Costa e Jacinto B. Marques, todos de Lisboa, Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), Paulo Augusto João da Silva (Alcoentre), Neves (Aveiro) e Tripeiro (Porto).

CHARADAS COMBINADAS O BEIJO DE DESPEDIDA

Por Carlos Abel Valente de Paria
(Lisboa)

+ RA = rosto
+ LO = pouco espesso
+ GLE = pequeno galgo
+ TA = crume.

Espingarda

+ TAR = pesquisar
+ NO = prudência
+ GA = popularidade.

Prisioneiro de guerra

+ MO = direcção
+ XA = desorden
+ BRE = metal avermelhado
+ XAR = desimpedir.

Que trabalha no campo

+ NO = canção religiosa
+ LA = pancadaria
+ LO = algodoeiro
+ CE = affectuoso.

Grão da mala baixa gradação



— Até amanhã, meu querido...
— Até amanhã... Mas não te esqueças de mudar de sapatos. É que esses sapatos são muito grossos, fazem-te desleigante...

PASTA MEDICINAL

Conto

TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11800
Medicinal grande — tubo 17850
Vulgar pequena — tubo 4800
Vulgar grande — tubo 7800

Tika MATA

PERCEIJEIROS BARATAS PULGAS TRACA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3300
Caixa grande..... 8300

Dep.º: COUTO, L. da — Porto
L. S. Domingos, 105

LIVRARIA ECLETICA

LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Cambre, 58 — LISBOA

ULTIMA NOVIDADE AMERICANA

ISQUEIRO-ATÓMICO «LEKTROLITE»

Reg. U. S. Pat. Of.

Sem podra, sem gasolina, sem torcida e sem chama!!! Propriário para se usar à chupa e ao vento. Indispensável a toda a gente!

A VENDA NAS BOAS TABACARIAS E CASAS DA ESPECIALIDADE

Representantes exclusivos e depositários I
M. RYDEL & C.ª
Quinquilnarias — Novidades Estrangeiras
Av. Almirante Reis, 22-2. Fr. Lisboa—Tel. 43274



A CHEGADA DO NOVO EMBAIXADOR DO BRASIL

O DR. HENRIQUE
DODSWORTH
ESTÁ ENTRE O
ENCARREGADO
DE NEGOCIOS
DO SEU PAÍS
E O DR. HEN-
RIQUE VIANA
DO PROTOCOLO
DO ESTADO



(FOTO ARMANDO
SERÓDIO)

Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
CREME
TOREDO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TOREDO

E branquia os dentes
E branquia os dentes
E branquia os dentes
E branquia os dentes